



A operacionalização do conceito de *éthos* no domínio religioso: a proposição de uma tipologia calcada no enunciatário

Sueli Maria Ramos da Silva*

Resumo: Propomos delinear uma tipologia dos discursos de divulgação religiosa, relacionando-a aos diferentes modos segundo os quais se processualiza o paradigma da crença preconizado por Zilberberg (2006). Destacamos o caráter inovador da tipologia proposta, na medida em que a realizamos, tendo por princípio o enunciatário almejado por tais discursos.

Palavras-chave: Semiótica tensiva, estilo, *éthos*, discurso religioso

Introdução

Amparados no desenvolvimento da semiótica com a operacionalização da noção de *éthos* proposta por Discini (2004), buscamos evidenciar nosso ponto de vista que procura expandir os desenvolvimentos ora apresentados, mediante a proposição de uma revitalização da retórica, associando-a ao ponto de vista tensivo da semiótica. Nessa direção procuramos agregar a noção de estilo enquanto *éthos*, tom de voz, caráter e corporalidade depreensível de uma totalidade de discursos (Discini, 2004), ao ponto de vista tensivo proposto por Zilberberg (2006) em referência às noções de estilo ascendente e descendente estabelecidas pelo autor. Pretendemos, dessa forma, delinear de forma mais abrangente o modo de presença dos enunciados enfeixados pelo discurso de divulgação religiosa e, por conseguinte, do próprio discurso religioso. A partir da observação das recorrências dos mecanismos de construção do sentido dos enunciados reunidos por meio dos resultados obtidos em Silva (2011) procuramos estabelecer uma distinção entre os três níveis de práticas no que concerne ao discurso religioso: a) discurso fundador; b) discurso de fidelização religiosa; c) e discurso de divulgação religiosa. Propomos delinear uma tipologia dos discursos de divulgação religiosa, relacionando-a aos diferentes modos segundo os quais se processualiza o paradigma da crença preconizado por Zilberberg (2006). O caráter inovador da pesquisa consiste em organizar uma tipologia dos discursos de divulgação religiosa calcada no enunciatário e deter-

minar como os textos que materializam a divulgação religiosa alcançam certa especificidade rítmica para que se defina a cena enunciativa. Procedemos, assim, ao estabelecimento de cinco cenas enunciativas diferenciadas: a) divulgação religiosa especializada; b) divulgação religiosa instrucional; c) discurso de conversão social; d) divulgação religiosa propagandista; e) divulgação religiosa midiática. Nosso trabalho espera contribuir com as perspectivas contemporâneas de retorno em direção à retórica mediante o estudo dos discursos de fundação, de fidelização e de divulgação religiosa, com o exame da própria esfera de circulação do sentido religioso, ou seja, com reflexões a respeito do discurso religioso, como enunciado, enunciação, *éthos*, estilo e aspecto.

1. A proposição de uma tipologia calcada no enunciatário

Procuramos pensar a tipologia dos discursos de fundação, fidelização e divulgação religiosa, relacionando-a aos diferentes modos segundo os quais se processualiza o paradigma da crença proposto por Zilberberg (2006).

Por meio da análise de elementos estilísticos, extraídos de excertos do discurso fundador bíblico, do discurso de divulgação e dos gêneros a que denominamos experiência da palavra, iniciaremos a caracterização das marcas de discursivização, uma vez que os elementos do plano da expressão também são importantes na determinação do sentido dos textos. Tais marcas

* Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Endereço para correspondência: { suellling@yahoo.com.br }.

nos auxiliarão na descrição, por ora preliminar, da associação entre o ponto de vista tensivo e a retórica.

Ao tomarmos como base as definições de Zilberberg (2004, 2006), realizamos a análise dos funtivos do andamento que perpassam o domínio religioso considerado. Para tanto, tomemos a noção de esquematismo tensivo (Zilberberg, 2004). Segundo o autor citado, o esquematismo tensivo consiste na mistura de duas ordens ou dimensões, uma dimensão da intensidade (do sensível) e uma dimensão da extensidade (do inteligível). Cada uma dessas dimensões é analisável em valências que segmentam um intervalo de referência, ao que fica associada uma sintaxe específica. Para a dimensão da intensidade, o intervalo de referência [impactante vs. fraco] refere-se a uma sintaxe ascendente ou decadente. Para a dimensão da extensidade, o intervalo de referência [concentrado vs. difuso] opera a sintaxe da extensidade mediante triagens e misturas.

Na concepção de Zilberberg (2006, p. 171), de um modo mais geral, os linguistas têm optado pela exploração da sintaxe extensiva e reservado a sintaxe intensiva à retórica. Nossa proposta, entretanto, procura se valer tanto de uma quanto de outra, na medida em que ambas são necessárias à determinação do *éthos*, do estilo dos três níveis de prática no que concerne ao discurso religioso.

Estabelecemos, assim, mediante a recursividade das operações de triagem e de mistura, a concepção do tratamento analítico do afeto por meio da instituição dos estados aspectuais “caracterizados pelas tensões e ambivalências que os modos de existência peculiares à sintaxe discursiva determinam” (Zilberberg, 2004, p. 76).

Foram determinados três níveis de práticas no que concerne ao discurso religioso e que serviram de objeto de análise para Silva (2011).

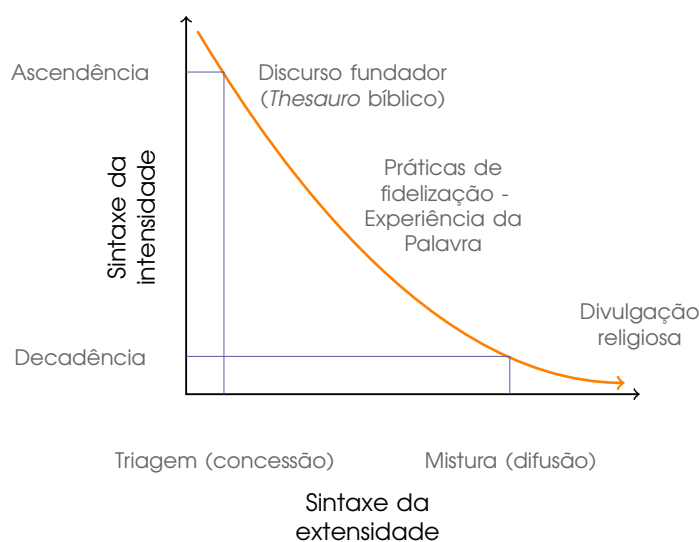


Figura 1: Os três níveis de prática no que concerne ao discurso religioso: fundação, fidelização e divulgação

A recursividade das operações de mistura implica operações de triagem que lhe são pressupostas. “Todo o ponto de vista compreende ao mesmo tempo uma acentuação e uma limitação” (Zilberberg, 2004, p. 75).

Observamos, no discurso fundador, a prevalência das operações de triagem. Nelas, ressaltamos o predomínio da homogeneidade, da dissociação e do acento mítico, que confirmavam a presença dos valores de absoluto, voltados para a exclusividade e unicidade (Zilberberg, 2004, p.90). Ao partirmos do princípio de

que a Bíblia consistiria no livro de uma determinada comunidade de fé, para a qual a sua interpretação estaria ligada ao pertencimento do sujeito a uma determinada formação discursiva, ressaltamos o caráter hermético, circunscrito dessa comunicação intrapares, domínio da triagem, portanto.

Evidenciamos, ainda, a aspectualização incoativa do discurso fundador, cuja organização subjacente é a base para a instituição dos níveis de prática de fidelização e de divulgação.

² *A vida da primeira comunidade.* ⁴² Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. ⁴³ Apossava-se de todos o temor, e pelos apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais. ⁴⁴ Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; ⁴⁵ vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. ⁴⁶ Perseverantes e bem unidos, freqüentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e

Tomemos, por exemplo, o discurso fundador dos Atos dos Apóstolos (At, 1-3)², que evidenciam esse caráter incoativo. Isto, pois a narrativa de Atos se estabelece como referência básica para a instituição do domínio de divulgação dos ideais cristãos.

Procuramos levar em conta como se processa a passagem do enunciado bíblico à sua transmissão, seja pelas práticas de fidelização, seja pelas práticas de divulgação.

Delineamos, assim, para o discurso fundador, uma aspectualidade incoativa, que se realiza de forma durativa por meio da celebração periódica das prescrições rituais referentes às práticas de fidelização de uma comunidade de fé e que se temporaliza e se espacializa no discurso de divulgação religiosa.

Devemos observar como são evocadas as cenas validadas (discurso fundador) que situam os enunciados de fidelização e de divulgação religiosa e que tornaram possível a apreensão do *éthos* católico enquanto um sujeito com caráter próprio.

Destacamos, assim, como se consolida o processo de sistematização e de moralização das práticas e das

representações religiosas que vai das Sagradas Escrituras, tidas como discurso fundador, até a sua ritualização pelas práticas religiosas.

A fidelização religiosa, como rito, ao constituir uma ação programada, da ordem da extensidade, pertence ao eixo do exercício.

Tendo por pressuposto que a recursividade das operações de mistura implica operações de triagem que lhe são pressupostas, notamos a prevalência de operações de triagem na transmissão ritualística intrapares, domínio da comunidade daqueles que partilham da mesma fé.

Verificamos, mediante a análise do gráfico anterior, o quanto a fidelização é mais difusa em relação ao discurso fundador. Assim, para o fundador, ela está mais para a mistura, ao passo que, para a divulgação, ela está mais para a triagem. Nela observamos uma ação programada de espacialidade extensiva, da ordem da difusão.

As práticas de fidelização constituem-se como ações rituais. Observemos o gráfico seguinte que configura a fidelização religiosa enquanto ação programada³.

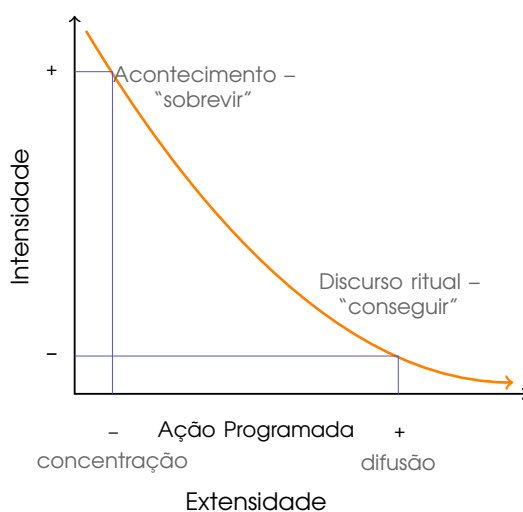


Figura 2: Discurso ritual como ação programada.

Tendo por base a função retensiva e circunscritiva, com a prevalência das operações de triagem, própria aos enunciados de fidelização religiosa, estabelecemos uma tipologia que tem por princípio a instituição de três níveis de práticas. Nessa gradação, temos a euca-

tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷ Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que seriam salvas.

³ A fim de dispor de uma metalinguagem operatória e adequada, Zilberberg (2007, p. 17-18) admite que “o modo de eficiência designe a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença. Se esse processo for efetuado a pedido, segundo o desejo de um sujeito, nesse caso teremos a modalidade do conseguir. Se a grandeza se instala sem nenhuma espera, denegando *ex abrupto* as antecipações da razão, os cálculos minuciosos do sujeito, teremos a modalidade do sobrevir. [...] O acontecimento é, portanto, essa grandeza estranha, por assim dizer, extraparadigmática, ou melhor, essa grandeza se manifesta a princípio no plano sintagmático por uma antecipação e, desse mesmo fato, espera sua identidade paradigmática”.

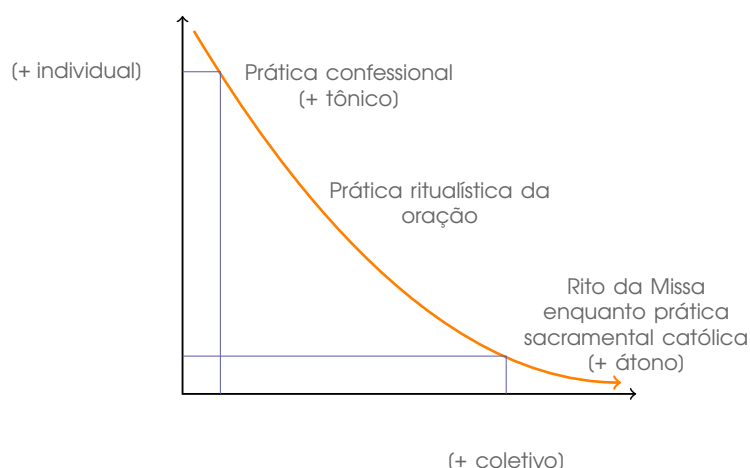


Figura 3: Os três níveis de prática no que concerne ao discurso religioso: fundação, fidelização e divulgação

Inicialmente, tomemos a prática ritualística da oração. Podemos caracterizá-la segundo a direcionalidade tensiva orientada para a concentração espacial e aceleração do andamento. Observamos como a gradação da súplica institui-se no enunciado da ladainha⁴ mediante uma percepção ascendente em tonicidade. É possível delinear, dessa forma, o estilo do enunciado da experiência da palavra (prática católica da oração - ladainha) por intermédio de uma direção ascendente.

Entre os mecanismos de vivência sensível da Palavra, enquanto prática de fidelização religiosa, ressaltamos o enunciado do folheto litúrgico, suporte do rito eucarístico, enquanto prática sacramental católica. Procuramos destacar, como a memória figurativa da Última Ceia, ao ser transposta ao corpo textual e discursivo do rito eucarístico, caracterizava a vigência de um protocolo, de uma ação programada, cuja continuidade temporal e espacial, em uma cadeia ininterrupta de enunciações, localizá-la-ia no domínio da extensidade. A noção de actante coletivo em si, em referência à comunidade de fiéis, enfatiza a atitude participativa enquanto domínio da extensidade. A própria espacialização do templo, espaço sagrado das práticas do rito eucarístico, ao instituir a sua disposição em quatro partes (sacrário, presbitério, naves e átrio), em uma gradação que vai de um maior acento sacralizado à sua atonização [+profano], institui-se dentro do âmbito da triagem.

Por fim, o folheto preparatório de confissão [+indivi-

dual] e, por princípio, [+ tônico] apresenta a exposição das práxis do penitente segundo uma concepção descendente, pertencente à lógica implicativa, se comparado ao ato de confessar.

Como delinear o *éthos* das práticas de fidelização, gêneros de fronteira entre a fundação e a divulgação, senão pela altivez de um *éthos* dogmático na proposição de condutas rituais a ser seguidas por um sujeito movido pela paixão da resignação?

Tomemos a sintaxe da extensidade, ao verificar “a divisão das grandezas em classes enumeráveis e a instabilidade dessa divisão” (Zilberberg, 2004, p. 73). Uma classe compreende [n] termos, mas pode ganhar outros [n+1] ou perder outros termos [n-1]. Temos, por fim, a tipologia dos discursos de divulgação.

Verificamos que nos enunciados de divulgação, dos quais nos ocupamos em Silva (2011) há o predomínio daquilo que Zilberberg (2007) denomina “partilha da veridicção”, por neles prevalecerem a propagação e difusão de saberes, crenças e ideais de uma formação discursiva determinada. Tomamos o espaço tensivo, estabelecido pela correlação entre os eixos da intensidade e da extensidade, relacionando-os aos estilos enunciativos de retenção e divulgação. Observamos, para o estilo da divulgação, como se instituíam a pertinência da extensidade, dada mediante uma espacialidade difusora, ocupante, contrária a uma espacialidade circunscritiva, própria à retenção.

Reapresentemos o esquema:

⁴ Ladainha de Nossa Senhora: Senhor, tende piedade de nós // Cristo, tende piedade de nós // Senhor, tende piedade de nós // Santa Maria, rogai por nós // Santa Mãe de Deus // Santa Virgem das virgens. (Basadonna; Santarelli, 2000)

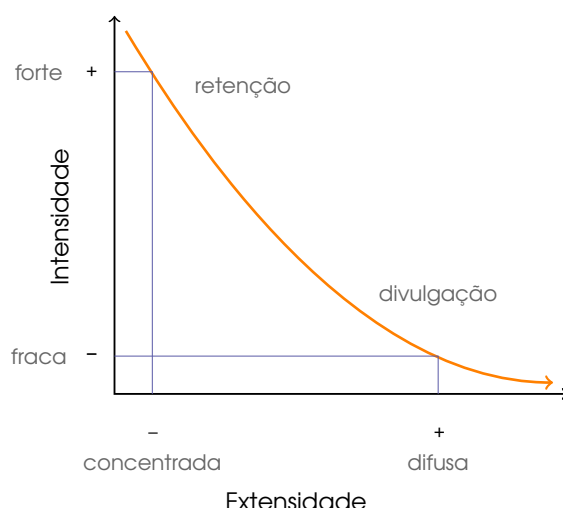


Figura 4: Esquema tensivo da divulgação (Zilberberg, 2007, p. 15).

Essa expansão pode ser verificada em relação ao preenchimento de lacunas semânticas. O fiel tem de ser orientado e ensinado; assim, faz-se necessário que se privilegie o contínuo, de modo que a previsibilidade o sustente com segurança. Os textos da totalidade de divulgação são agrupados segundo elementos extensos. O andamento tende, tal como o estilo, a apresentar marcas de aceleração. Os enunciados divulgadores se caracterizariam enquanto um fazer interpretativo sobre um discurso primeiro, ao qual designamos discurso fundador. Neles, duas categorias de *performance* fazem-se evidentes: um fazer comunicativo ou persuasivo e um fazer interpretativo, mediante o qual eles interpretariam o enunciado fundador tomado como objeto. Dentro dessa perspectiva, ressaltamos a ambivalência da posição do agente religioso, ao mesmo tempo destinatário do arquidestinator divino e destinator em relação ao fiel.

Destacamos o caráter inovador da tipologia proposta, na medida em que a realizamos tendo por princípio o enunciatário almejado. Esse princípio está plenamente de acordo com o que propõe a retórica, dado que o *páthos*, as paixões do auditório, constitui uma das provas mais importantes da teoria da argumentação. Para a retórica, o auditório constitui o conjunto de todos aqueles que o orador deseja influenciar por intermédio de seu discurso (Perelman, 1984, p. 237).

O orador deve ter do seu auditório uma ideia tanto quanto possível próxima da realidade, uma vez que um erro sobre este ponto pode ser fatal para o efeito que ele quer produzir; é em função do auditório que toda a argumentação se deve organizar, se esta quiser ser eficaz.

Situamo-nos no domínio da teoria semiótica ao instituir o enunciatário como uma das instâncias do sujeito da enunciação, ressaltando o seu papel de co-enunciador.

Com efeito, a imagem do enunciatário constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto. O enunciatário é também uma construção do discurso. Não é o leitor real, mas um leitor ideal, uma imagem de leitor produzida pelo discurso (Florin, 2008, p. 153).

Estabelecemos, assim, como o conteúdo seria indissociável do *éthos* do corpo enunciante que seria próprio a essa totalidade de discursos. Notemos o quanto a dimensão da extensidade, segundo a qual o intervalo de referência [concentrado vs. difuso], ao operar a sintaxe da extensidade mediante triagens e misturas, apresenta fundamental importância para a constituição da tipologia ora proposta.

Definimos uma tipologia que tem por princípio a instituição de cinco cenas enunciativas diferenciadas. Propomos estabelecer, desse modo, recorrências que compõem a materialização discursiva da totalidade, a enunciação de divulgação enquanto *éthos*. Examinamos as cinco cenas enunciativas, tendo como base os elementos da sintaxe extensiva, triagens e misturas: Divulgação religiosa especializada (A); Divulgação religiosa instrucional (B); Divulgação para conversão social (C); Divulgação religiosa propagandista (D); Divulgação religiosa midiática (E).

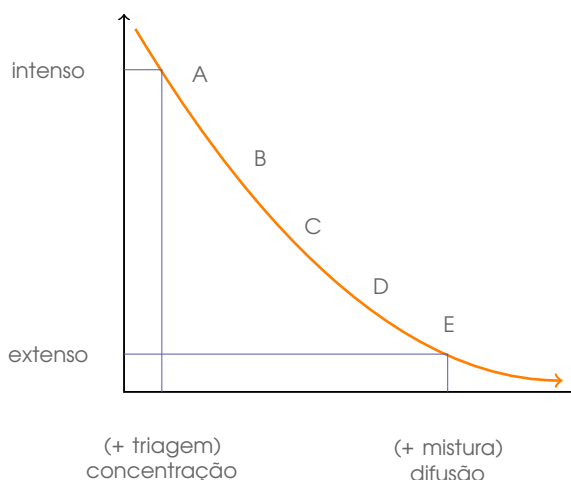


Figura 5: Tipologia dos discursos de divulgação religiosa.

Se a extensidade opera a divisão das grandezas em classes enumeráveis e a instabilidade dessa divisão (Zilberberg, 2004, p. 73), como caracterizar a composição de uma classe no domínio religioso de divulgação? Ainda segundo o autor, uma dada classe compreende [n] termos, que podem sofrer o acréscimo de outros termos [n+1] ou a supressão de outros [n-1].

Zilberberg (2004, p. 76) apresenta a instituição de quatro estados aspectuais “caracterizados pelas tensões e ambivalências que os modos de existência peculiares à sintaxe discursiva determinam”: a separação, a continuidade, a mescla e a fusão.

Tomemos a representação proposta pelo autor (Zilberberg, 2004, p. 76):

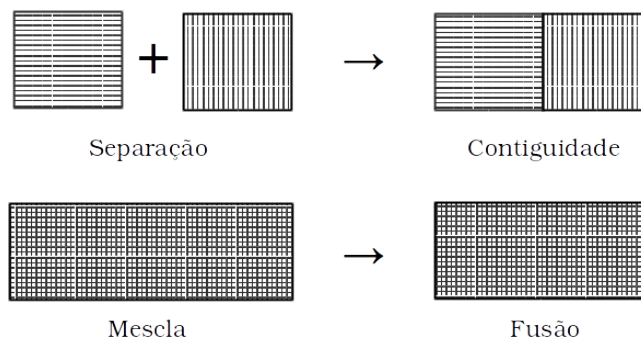


Figura 6: Quatro estados aspectuais (Zilberberg, 2004, p. 76).

A recursividade das operações de triagem e mistura é determinante para o estabelecimento dos estados aspectuais elencados. Ressalta o autor que, para a separação, há a plenitude [1] da valência da triagem [t], o que fornece a designação [t1], por oposição a uma valência de mistura [m] nula [0], cuja representação é [m0]. Na contiguidade, a triagem domina a mistura: [t ≥ m], ao passo que, na fase da mescla, a triagem passa de dominante a dominada [t ≤ m]. No caso da

fusão, inversamente à separação, temos nula a valência da triagem [t0] e plena a valência da mistura [m1] (Zilberberg, 2004, p. 77).

Propomos, assim, associar esses estados aspectuais às cinco cenas enunciativas de divulgação propostas, tendo como ponto de partida a apreensão sintagmática marcada pela progressividade e pela série, tal como proposto pelo autor.

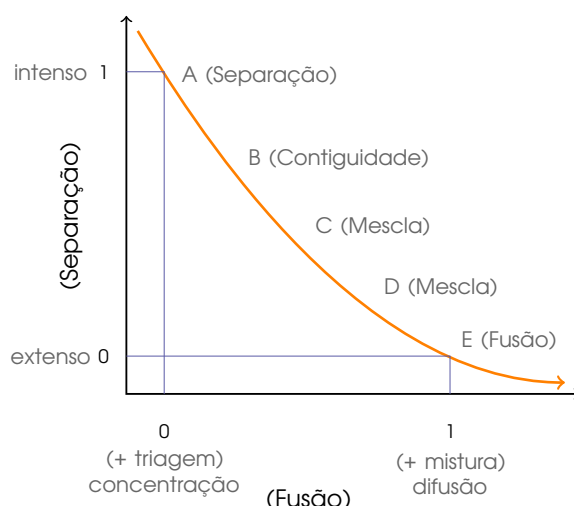


Figura 7: Tipologia dos discursos de divulgação religiosa.

Vejam os como esses estados aspectuais podem ser associados às cenas enunciativas da divulgação religiosa. Para tal fim, consideremos as operações elementares da mestiçagem, na medida em que esta constitui progressivamente uma gramática. Pensemos a mistura, portanto, como uma mistura de dois termos [a + b], à qual se pretende incorporar um elemento [c], e de cujo resultado obteríamos [(a+b) + c] (Zilberberg, 2004, p. 82).

Para a divulgação especializada (A), intrapares, determinada pela estabilidade de lugares definidos mediante a instituição de um agente de prestígio, no caso o papa, dirigido aos bispos e aos leigos em geral, teríamos o estado aspectual da separação, pautado pelo predomínio da triagem e da dissociação. Essa dissociação seria determinada pela posição de prestígio do agente religioso, máxima autoridade da Igreja Católica, disposto em um grau hierárquico diferenciado daqueles a quem ele se dirige. Em relação à divulgação instrucional (B), que simula o diálogo e a aproximação entre catequista e catequizando temos a contiguidade, com predomínio das operações de triagem sobre as de mistura. Tanto para a divulgação de conversão social, quanto para a divulgação propagandista, há o predomínio da mescla,

embora em grau diferenciado. No que tange à divulgação para conversão social, a conversão e posterior adesão seria realizada entre os membros de uma mesma comunidade de fé, o que caracterizaria, portanto, uma operação de mistura por participação. “Apreendemos a mistura como transferência-transporte de uma determinada grandeza [b], por exemplo, de uma classe para outra classe receptora” (Zilberberg, 2004, p. 83). Na mistura por participação, uma grandeza [b] é transferida para a classe C2, sem deixar de pertencer à classe C1. Assim sendo, o sujeito católico, embora tenha sido convertido à adesão às práticas sociais determinadas pela campanha da fraternidade, não deixa de pertencer ao domínio da formação discursiva católica. Diferente é o que observamos em relação à divulgação propagandista, caracterizada pela mistura por privação, “na qual a transferência põe fim, pelo menos provisoriamente, à subordinação da grandeza [b] à classe C1” (Zilberberg, 2004, p. 83). Verificamos, nessa cena enunciativa de divulgação, a passagem, mediante adesão e conversão, de um sujeito de uma formação discursiva a outra, no caso em análise, da formação considerada “falsa”, à religião verdadeira (TJ). Vejamos:

$$[[C_1 \rightarrow a, b, c, d] - [C_2 \rightarrow [e, f, g, h]]] \rightarrow [[C_1 \rightarrow [a, c, d] - [C_2 \rightarrow [b, e, f, g, h]]]$$

Situação inicial
situação final

Figura 8: Mistura por privação (Zilberberg, 2004, p. 83).

Para a divulgação midiática, há o predomínio da fusão. Isso, pois mesclam-se os espaços do sagrado e do profano, a fim de que se atinja um número ainda maior de fiéis. Ressaltamos, entretanto, o quanto a divulgação midiática, embora nela haja o predomínio das operações de mistura, a sua circunscrição a um público específico, dada por meio de assinaturas, não deixa de revelar elementos próprios à triagem, característicos do domínio religioso.

Atentemos, a seguir, à caracterização do *éthos* de cada uma dessas cenas enunciativas, determinados por intermédio dos resultados de nossas análises. A divulgação especializada (A) tem como característica a direcionalidade tensiva orientada para a retenção espacial. Projetamos o papel específico do *éthos* do enunciador, orientado por meio de um tom de voz próprio a um intelectual cristão que procura defender, construir e transmitir as bases de sua doutrina.

Para a divulgação instrucional (B), fez-se a projeção de um *éthos* professoral e de tom de voz altivo dado por um efeito de um didatismo peculiar.

Em relação à divulgação para conversão social (C), temos o ressurgimento da polêmica, por meio da instituição de um *éthos* que só se constitui em relação ao ponto de vista determinado enquanto simulacro a ser rechaçado, dentro do sistema de coerções semânticas em que esse discurso se institui. O mesmo ocorre com a divulgação religiosa propagandista (D), com a diferença de que, além do ressurgimento da polêmica, ele tem por objetivo principal a adesão ao novo sistema de valores proposto na prática do discurso de uma nova formação discursiva, no caso, um domínio religioso distinto.

Por fim, para a divulgação midiática (E), mais do que simplesmente informativo, emerge um *éthos* mediador daquele que orienta e determina ao leitor instituído (*páthos*) quais comportamentos adotar e quais posicionamentos seguir.

2. Considerações finais

Procuramos desenvolver os tópicos teóricos que pretendíamos elencar e que tornariam possível a aproximação e a associação entre o ponto de vista retórico com a semiótica tensiva. Essas questões, ao permitirem a operacionalização da noção de *éthos*, forneceram as bases necessárias para a apreensão das particularidades que tornaria possível, tanto a distinção entre o discurso religioso, o discurso fundador, o discurso de fidelização e o discurso de divulgação religiosa, quanto delinear a tipologia dos discursos de divulgação religiosa.

Esperamos assim, termos cumprido os objetivos propostos no que concerne ao desenvolvimento da noção semiótica de estilo com a operacionalização da noção de *éthos*, bem como evidenciar nosso ponto de vista, que procura desenvolver e expandir os desenvolvimentos ora apresentados, mediante a proposição de uma revitalização da retórica, associando-a ao ponto de vista tensivo da semiótica.

Mediante essas considerações, esperamos poder ter contribuído de alguma forma com o estudo dos discursos de fundação, fidelização e de divulgação religiosa, com o exame da própria esfera de circulação do sentido religioso, ou seja, com reflexões a respeito do discurso religioso, como enunciado, enunciação, *éthos* e estilo. ●

Referências

- Basadonna, Giorgio; Santarelli, Giuseppe
2000. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola.
- Bíblia
2004. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus.
- Discini, Norma
2004. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto.
- Fiorin, José Luiz
2008. *Em busca do sentido*. São Paulo: Contexto.
- Perelman, Chaïm
1984. Argumentação. In: Enciclopédia Einaudi. *Oral/Escrito*. Argumentação. vol. 11. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Pp. 234-265.
- Silva, Sueli Maria Ramos da
2011. *Discurso de divulgação religiosa: semiótica e retórica*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Zilberberg, Claude
2004. *As condições semióticas da mestiçagem*. In: Cañizal, Eduardo Peñuela & Caetano, Kati Eliana (orgs.). *O Olhar à Deriva: Mídia, Significação e Cultura*. São Paulo: Annablume, p. 69-101.
- Zilberberg, Claude
2006. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: PULIM.
- Zilberberg, Claude
2007. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, n. 13, Pp. 13-28.

Dados para indexação em língua estrangeira

Silva, Sueli Maria Ramos da

The operationalization of the concept of ethos in the religious domain: proposing a enunciatee-based typology

Estudos Semióticos, vol. 11, n. 2 (2015)

ISSN 1980-4016

Abstract: *We propose to outline a typology of dissemination of religious discourses, relating it to the different ways in which the paradigm of belief is processed according to Zilberberg (2006). We would like to highlight the innovative character of the proposed typology, as it has in principle to carry out the enunciatee pursued by such discourses.*

Keywords: *Tensive semiotic, style, ethos, religious discourse*

Como citar este artigo

Silva, Sueli Maria Ramos da. A operacionalização do conceito de éthos no domínio religioso: a proposição de uma tipologia calcada no enunciatário. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 11, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2015, p. 25-32. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 31/01/2015

Data de sua aprovação: 05/09/2015
